



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

MEMÓRIA E IDENTIDADE MUSICAL NO ENGENHO VELHO DE BROTAS

Antonio Sérgio Brito de Amorim
Mestrando em Etnomusicologia - PPGMUS-UFBA

Resumo O presente texto tem o objetivo de aprofundar o conhecimento sobre o bairro do Engenho Velho de Brotas e fazer um levantamento da sua micro-história no âmbito oral e documental, abordando fatos como a expansão urbana, meios de transporte, manifestações culturais relacionadas à música entre outros aspectos da sua organização. O bairro é sub-distrito de Brotas que antigamente pertencia à freguesia de Nossa Senhora de Brotas fundada em 1714. Utilizando de métodos de pesquisa com entrevistas semi-estruturadas com pessoas antigas do bairro ligadas as manifestações do bairro e visitando arquivos no Instituto Histórico e Geográfico de Bahia, acervo da Biblioteca Pública do Estado e o Arquivo Público da Bahia. O texto tem uma quantidade considerável de materiais levantados, porém existe a necessidade de ampliar ainda mais a pesquisa a fim de contribuir com os materiais científicos e didáticos sobre a história de Salvador e da Bahia, bem como sob à luz da Etnomusicologia falar sobre os antigos afoxés, documentando materiais ainda pouco conhecidos pelo saber acadêmico.

Palavras-chave – Memória; Identidade; Afoxé.

O Engenho Velho de Brotas

O Engenho Velho de Brotas é um bairro muito populoso (estima-se 22.000 habitantes) e conta com poucas escolas públicas para atender à comunidade, sendo que 5 das 7 escolas concentram-se perto do fim de linha do bairro. No contexto social é um bairro popular, sub-distrito de Brotas, que tem a sua população compostas majoritariamente de afro-descendentes.

Tem em seu entorno as margens do Dique do Tororó, o bairro da Federação a Avenida Vasco da Gama (antiga Estrada Dois de Julho). É um bairro que guarda em sua história nuances interessantes: a passagem da família do poeta Castro Alves, a atuação de Juliano Moreira, médico negro oriundo de família humilde e reconhecido internacionalmente pelo seu trabalho psiquiátrico e na herança cultural agremiações carnavalescas como o afoxé Congos D'África e o Badauê, além de agremiações que existem atualmente como o bloco afro Okambí.

Apesar da rica história que o Engenho Velho de Brotas guarda, atualmente o bairro convive com muitos casos de violência que causam medo aos moradores. A presença cada vez mais intensa de igrejas evangélicas neo pentecostais tem causado um distanciamento cultural das



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

religiões de matrizes africanas influenciando diretamente na construção da identidade da população que perde muitos dos antigos referenciais culturais. Essa dicotomia não é “aparente” a primeira vista, mas observações sobre o crescimento urbano do local vê-se as construções de grandes templos em frente, ao lado ou em cima e pequenos terreiros, revela-se neste sentido um sutil enrijecimento na disputa e perseguição religiosa.

O afoxé como representação de uma comunidade: Subsídios para uma pesquisa Etnomusicológica

As pesquisas realizadas sobre folguedos negros do final século XIX e início do século XX trouxeram um arcabouço bastante vasto sobre os *afoxés* que existiram entre 1876 a 1930, (VIEIRA FILHO, 1995). Muitos pesquisadores contribuíram e tem contribuído para que se tenha uma maior compreensão da aparição destes folguedos no carnaval de Salvador. Nina Rodrigues, Arthur Ramos, Edson Carneiro, Raul Lody, Antonio Risério, Raphael Vieira Filho e Antonio Godi foram alguns dos referenciais pesquisados para aprofundar as informações sobre o tema e solidificar a necessidade de discutir com mais afinco como a existência destes grupos em comunidades populares influenciou na construção da identidade das pessoas na época e como isso se reflete na construção da identidade hoje, pensando em uma identidade cultural pós-moderna. Os trabalhos recentes no campo da Etnomusicologia compreendem entre outros aspectos preocupações com as questões de conduta ética na pesquisa de campo e na divulgação e/ou publicação dos resultados dos trabalhos de pesquisa. Esta preocupação está em voga na área de forma muito mais intensa que em qualquer época de desenvolvimento da Etnomusicologia. Tendo em vista que inicialmente a musicologia comparada tinha por objetivo principal pesquisar comunidades não ocidentais, geograficamente, hoje o campo de atuação se revela difuso e contrastante, pois a relação do pesquisador e seus interlocutores tem ocupado muitas plenárias, listas de discussão por email e encontros científicos.

O que é um afoxé?

Raul Lody conceitua afoxé como “candomblé de rua”, por trazer de dentro dos terreiros de candomblé para as ruas o ritmo ijexá e trazer nos seus cortejos rituais pertencentes ao culto aos Orixás das casas de candomblé (LODY, 1976). Afoxé também é o nome de um instrumento de origem africana um instrumento musical idiofônico, um tipo de *xequerê*, feito de cabaça,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

coberta com uma rede de conchas, contas ou sementes. Segundo Vieira Filho, as manifestações dos afro-brasileiros foram proibidas de 1905 até 1914 (VIEIRA FILHO, 1995). Este fato não prova a não existência de manifestações negras nas ruas e bairros de Salvador no referido período, porém estas manifestações foram alvo de muitas perseguições policiais por estarem perturbando a paz social, (RODRIGUES, 1977). Os antigos clubes negros Embaixada Africana e Pândegos D'África que surgiram em 1895 e 1900 respectivamente (ALBUQUERQUE, 2002) e tinham entre seus fundadores negros mais abastados, mas apesar destas agremiações serem chamadas de afoxés por Nina Rodrigues não se caracterizavam como tal, pois não faziam parte de comunidades religiosas africanas e apenas usavam instrumentos característicos de afoxés como atabaques e agogôs.

Antonio Risério no seu livro *Carnaval Ijexá* de 1981 traz muitas notas, sobretudo falando dos afoxés mais recentes e blocos afro a partir da década de 70. A contribuição deste livro para este tema é muito louvável, no texto, muito poético, ele coloca trechos de algumas entrevistas como a com Moa do Katendê (um dos fundadores do afoxé Badauê). A história de um afoxé pode ser referência para a sua comunidade de origem desde que a mesma se identifique com seus elementos culturais e identitários. O afoxé Badauê que foi criado no Engenho Velho de Brotas, sub-distrito do bairro de Brotas em Salvador-Ba, em 1978 por um grupo de jovens ativistas culturais que se auto-denominavam *grupo jovem louco* pelo fato de seus ensaios acontecerem perto de um hospital psiquiátrico.

Risério aponta para questões muito importantes no cenário da música popular produzida pela negritude em Salvador nos anos 70 e início dos anos 80. Mesmo sabendo que muitas das notas sobre o carnaval afro baiano foram escritas baseadas em entrevistas realizadas pelo autor com expoentes da música afro-brasileira soteropolitana da época é curioso, no mínimo, saber por que ele não colocou referências em seu livro sobre as fontes citadas no corpo do texto. Acredito que a ausência de referências nas obras dificulta pesquisas posteriores sobre o mesmo tema ou sobre temas ligados ao mesmo, porém não engessa a pesquisa que conta com outros materiais tanto orais quanto documentais. Ângela Lühning defende que o trabalho do etnomusicólogo seja vivenciado e praticado em conjunto com os protagonistas das ações pesquisadas e ainda diz:



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

(...) Através da participação dos portadores das músicas é possível e até necessário criar uma nova forma participativa de discussão e abordagem que enxerga os envolvidos de uma forma nova, tirando os últimos resquícios de “objetos” de pesquisa, porém, sem fazer com que as músicas das diversas culturas em questão apareçam apenas como ilustração e exemplificação, (LÜHNING, 2006).

Durante esta pesquisa foram realizadas algumas entrevistas com os fundadores do afoxé Badauê que enriqueceram o arcabouço teórico encontrado. Das entrevistas realizadas no período uma muito interessante foi com Moa do Katendê que descreveu de que forma fundou o afoxé Badauê. Junto com alguns jovens do bairro participantes de um grupo chamado, grupo jovem louco, por morarem próximos onde ficava situado o hospital Juliano Moreira e antes chamava Asilo São João de Deus que foi o segundo Hospital Psiquiátrico do país, fundado em 1874, eles realizavam atividades ligadas à capoeira, maculelê, dança etc. O afoxé Badauê foi fundado em 1978 e saiu no carnaval de Salvador pela primeira vez em 1979.1 Moa do Katendê e Jorjão Bafafé, na época dois jovens músicos e compositores que já compunham inclusive para muitos blocos de carnaval como Ilê Ayê, Apaches do Tororó, Melô do Banzo etc. Eles faziam parte deste “grupo jovem louco” nascidos nesta região como descrevem abaixo:

Eu nasci no Tororó e me criei ali na região do dique pequeno, hoje não existe mais dique pequeno, não tem mais o lago, mas a rua se mantém lá e me criei nessa redondeza toda. Engenho Velho de Brotas, Vasco da Gama. Entendeu? E minha infância foi ligada muito a capoeira, ligada direta ao candomblé, ligada a música, meu pai era músico tocava trompete e eu ia acompanhando ele como percussionista, baterista. Não é? E ogam aprendendo também com minha tia que era Mãe de Santo, já faleceu, aprendendo ali a tocar junto e a capoeira eu aprendi com meu mestre Bobó. Minha infância foi assim. Trabalhando também já. (Moa do Katendê, em entrevista em 7/5/2009)

E Jorjão Bafafé:

Minha influencia no bairro, com os amigos, na adolescência, quando criança, foi brincando de jogar bola, brincando de roda, esconde pra lá, esconde pra cá, aquelas brincadeiras de menino, até que, quando fui chegando na adolescência que fui descobrindo o outro lado né, da cultura, o gostar dos batuques, tudo isso no bairro (...). Como o bairro ele sempre teve esta cultura viva né, essa cultura da dança, do canto, da música, do carnaval, do São João, do natal, do ano novo, tudo era forma de contribuir para essa minha formação, que hoje como músico, com uma cultura.

Estes articuladores culturais como se intitulam depois de muitas experiências vividas a partir do Badauê realizam atividades em muitos lugares no Brasil e no mundo, tocando, compondo e dançando ritmos como o ijexá que aprenderam no seu bairro de origem, o Engenho Velho de Brotas. Vale ressaltar que antes de fundarem juntos o Badauê já tinham ganhado festivais de música no Ilê



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Ayê e em outros blocos afro de Salvador.

O Badauê fazia o seguinte circuito:

(...)a gente saia da curva da ladeira de Nana que é a área da gente mesmo e ganhava o bairro todo até o fim de linha ali a gente se despidia do circuito, desfile da gente no bairro e íamos para a cidade para desfilar na cidade. Teve momentos de a gente sair no Campo Grande como teve momentos de a gente sair da Ladeira da praça, subir e ganhar a praça municipal e seguir para o Campo Grande, então fizemos dois percursos, durante meu tempo em 79,80,81,82,83,84, seis anos ele fez este percurso no carnaval, depois ele seguiu com outras pessoas aí que continuaram. (Moa do Katendê entrevista em 7/5/2009)

Dentro dos resultados obtidos neste ciclo da pesquisa estão algumas reportagens encontradas no setor de jornais raros da Biblioteca Pública do Estado sobre a região. Intitulado “Misérias de uma cidade rica e bonita” duas reportagens do jornal Estado da Bahia uma de 26/7/1937 falava sobre a Vila América e sua população proletária tinha na chamada:

“Vila América” – bairro proletário escondido numa espessa folhagem – O Dique do Rio Vermelho que seria uma “recanto adormecido” – não vivesse esquecido da prefeitura – “Sou funcionário público” Exclamou um dos moradores da “Vila América”, à porta de seu casebre já em frente – uma ladeira pior que quiabo – “come fedendo” a rua um cheiro insuportável – a fonte de “seu paesinho” e o burrico de “seu Diogo” fornecedores de água aos moradores –Escola 3\$000 por cabeça. (Jornal Estado da Bahia 26/7/1937)

Na reportagem os repórteres abordam questões como saneamento básico, transporte, educação e moradia, temas que ainda são muito pertinentes em nosso cotidiano e no dos moradores. A outra reportagem traz a perspectiva das lavadeiras do Dique do Tororó e foi feita em 2/8/1937, segue um trecho da chamada:

ESTADO DA BAHIA, em sua edição de segunda feira passada tratando da “Villa América” teve oportunidade de passagem referir-se a zona do Dique, completamente esquecida dos poderes competentes e que seria um optimo recanto para passeios dominicaes, tanmanho não fosse o seu abandono.

Desprezado o aprazível Dique, pela Prefeitura, tem elle uma grande serventia: mais de quatrocentas mulheres, residentes por aquellas redondezas, utilizam suas águas para lavagem de roupas da quase totalidade da população desta capital.

E por isto é que resolvemos ali voltar, e arriscando a lama escorregadia de toda a zona, formada pelas aguas da chuva que tem caído sobre a cidade, fomos ouvindo de grupo em grupo aquellas pobres lavadeiras, as quaes, ao reporter, contava num mixto de dor e resignação todas as attribuições de sua profissão. (Estado da Bahia 2/8/1937)

Esta reportagem trouxe-nos outras inquietações sobre o Dique do Tororó que com suas águas sustentou muitas famílias nas redondezas. Pesquisamos sobre sua extensão e as mudanças ocorridas durante o tempo. Pode-se afirmar que o Dique do Tororó não é o dique dos holandeses que represaram o antigo Rio das Tripas na região da Baixa dos Sapateiros em 1824 para fortificar a



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

cidade e que por muito tempo foi confundido com o Dique do Tororó que é um lago natural e que foi aterrado até a atual extensão. O primeiro aterramento no dique do Tororó foi na região conhecida como dique pequeno (um dos braços do dique) para a construção da estrada onde passavam os bondes. Após o aterramento o dique pequeno ficou com um pequeno lago separado que aos poucos secou e desapareceu com as novas construções no terreno.

Estas e outras questões foram fundamentais para a ampliação da pesquisa e a necessidade da busca de mais material objetivando responder estas inquietações e outras como a data de construção do Solar da boa Vista e necessidade da usina geradora do Dique inaugurada em 1928. A usina geradora, local atual da lanchonete HABIB'S, funcionava para gerar energia para os bondes. Antigos moradores comentam que no período aconteciam com frequência explosões no local e que as águas d dique eram utilizadas para esfriar as máquinas. Um fato curioso é que mesmo tendo uma usina tão próxima o bairro do Engenho Velho de Brotas não possuía energia elétrica

Os Caetanos apadrinham...

Em 1979 o cantor e compositor Caetano Veloso gravou no seu álbum *Cinema transcendental* uma música chamada *Badauê* composta por Moa do Katendê. Este acontecimento deu um prestígio social significativo ao grupo a ponto dos integrantes principais (diretores do afoxé) procurarem Caetano Veloso para agradecer, estabeleceu-se um diálogo musical que refletiu um na cena musical da cidade e com efervescência no Engenho Velho de Brotas foram muitas as idas de vários grupos e artistas para participar de shows e ensaios com o Badauê na comunidade. Este cenário musical destacou o Engenho Velho de Brotas como uma comunidade de cultura musical elevada o que certamente modificou a relação de pertencimento entre os moradores na época e que nos dias atuais faz com que muitos se orgulham de morar neste bairro.

Letra da música:

BADAUÊ

(Moa do Katendê)

Misteriosamente o Badauê surgiu
sua expressão cultural,
o povo aplaudiu.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

O Afoxé Congos D'África

Existiu antes do Badauê um outro afoxé no Engenho Velho de Brotas denominado Congos D'África, sua data de fundação é ainda desconhecida, mas existem relatos de sua aparição em 1915 aproximadamente. Este grupo surgiu dentro de um terreiro de candomblê liderado pelo balalorixá Rodrigo da Costa Alves, que desfilava pelas ruas do bairro nos dias de carnaval e nos desfiles de 2 de julho (data da independência da Bahia). Após a morte de Rodrigo da Costa Alves, o seu filho Savaldor, conhecido como Dodô assumiu a responsabilidade pelo grupo. Há uma notável crêcia de documentos escritos sobre este afoxé o documento mais antigo conhecido nesta pesquisa data de 1948, um artigo da revista “O Cruzeiro” escrito por Cláudio Tuiuti Tavares com fotos do Antropólogo, fotógrafo e Etnógrafo Pierre Verger. As fotos de Verger compõem o material iconográfico mais vasto sobre este grupo e é utilizada na pesquisa como base para uma etnografia do grupo que atualmente não existe.

O local da memória

Na busca de materiais que pudessem completar ou dar significado aos documentos nos arquivos a realização de entrevistas semi estruturadas constituem uma importante fonte de informações pertinentes ao conteúdo da pesquisa. As pessoas que se dignam a falar sobre suas recordações são consideradas sujeitos da construção do saber etnográfico e etnomusicológico. Nestas pessoas reside o conhecimento sobre o crescimento do bairro, suas principais meios de comunicação, sobrevivência e de divertimento. A memória oral neste ponto é considerada indispensável a comparação com os materiais escritos e documentos existentes sobre o local. Para HOLANDA e MEIHY, a entrevistas “devem sempre resultar em documentos de base material escrita”(HOLANDA e MEIHY, 2010). Embora estes relatos sejam para uso imediato, após a transcrição constituem um lastro para o enriquecimento da história oral, recurso muito utilizado nas Ciências Sociais e que está em crescente uso em todas as áreas.

Considerando as incompletudes

Este trabalho faz parte de uma pesquisa com afoxés em Salvador-Ba e por estar em andamento carece de materiais mais consistentes sobre os grupos e seus fazeres e saberes



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

comunitários, bem como a reflexão sobre os processos de construção da identidade e das representações na comunidade. Como pesquisa de campo a participação e troca de experiências com os interlocutores são indispensável além da pesquisa documental fazendo ligações com os subsídios de transmissão oral, outro objetivo é colaborar com as pesquisas sobre os antigos afoxés (agremiações carnavalescas) de Salvador e destacar sua importância na Etnomusicologia. Dentro deste âmbito é possível afirmar que esta reflexão ainda em formulação se destaca por buscar dentro do seu escopo teórico-metodológico subsídios para indagar sobre aspectos da construção e reconstrução das identidades étnico-raciais dos moradores do bairro enquanto cidadãos. Tendo a música e seu contexto social como vetores motivadores destas inquietudes é possível trazer ao conhecimento acadêmico as representações sociais e comunitárias do Engenho Velho de Brotas

Ainda considerando a necessidade de maior discussão a cerca das transformações na visão social e representativa que se tinha dos afoxés supracitados na época em que existiram colocando-se em comparação com o olhar sobre os atuais grupos culturais representantes do bairro, deve-se expor como objetivos próximos citar a voz dois jovens da comunidade para que falem sobre suas visões em relação aos grupos que participam e a percepção a cerca das noções de identidade e pertencimento a estes grupos e ao bairro onde residem.

Portanto, utilizar-se-á como pressuposto metodológico para continuação desta pesquisa os itens que seguem:

- Fazer revisão bibliográfica, estender as leituras acerca das pesquisas etnomusicológicas, antropologia e história social, sistematizar as informações encontradas afim organizar o material encontrado.
- Trabalhar com fontes orais, sendo a mesma um vetor organizador da pesquisa de campo, pois a partir da fonte oral pode-se estender ou não a pesquisa documental em inventários, certidões, arquivos etc.
- Buscar os agentes culturais, músicos, compositores, dançarinos, entre outros que estavam envolvidos com estes grupos e aumentar a lista de contatos para facilitar a pesquisa.
- Realizar entrevistas semi-estruturadas com pessoas que participaram da fundação das



entidades, desfilaram no carnaval, tocaram nas aparições em festejos etc., ou seja, acompanharam de alguma forma a existência destes grupos. Exemplo: instrumentistas, cantores, por exemplo, Caetano Veloso que gravou uma musica do Badauê e citou o afoxé em outras, lideres religiosos, moradores antigos que desfilaram, entre outros.

- Discutir o papel das músicas no cortejo destes afoxés apontando as diferenças temporais, pois o Afoxé Congos D'África saia de terreiro de candomblé enquanto o Afoxé Badauê tinha local de ensaio e apesar muitos dos seus membros serem ligados às religiões de matrizes africanas o referido afoxé não saia de um terreiro.
- Existe também o desejo em entrevistar Antonio Risério, escritor que é citado nas referencias para indagar sobre o período de construção do seu livro “Carnaval ijexá”.
- Visitar acervos, bibliotecas (setor de jornais raros), arquivos (Arquivo Publico da Bahia) para pesquisar materiais a respeito do tema exemplo: Inventários, certidões, testamentos, noticias do carnaval do período de interesse.

REFERÊNCIAS

- BRUKE, Peter (org). *A escrita da história, Novas perspectivas*; Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp 1992
- CARNEIRO, Edison. *Folguedos tradicionais*. 2 ed. Rio de Janeiro: FUNARTE. 1982.
- GODI, Antonio J. Victor dos Santos. *De índio a negro, ou o reverso*. Caderno do CRH, suplemento p. 51-70, 1991.
- LARAIA, Roque de Barros. *Cultura um conceito antropológico*. 12º Ed. Jorge Zahar. Rio de Janeiro. 1999. 116p.
- LODY, Raul Giovanni. *Cadernos de folclore, 7 Afoxé*. Rio de Janeiro. FUNARTE, 1976. 36p.



_____. *O povo do santo: religião, história e cultura dos orixás, voduns, inquices e caboclos*. Rio de Janeiro. Pallas, 1995. 272 p.

LÜHNING, Ângela. *Etnomusicologia Brasileira como uma Etnomusicologia participativa: Inquietudes em relação às Músicas Brasileiras*. In: *Músicas africanas e indígenas no Brasil*. Rosângela pereira Tugny/ Rubem Caixeta de Queiroz (orgs.) Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

MEIHY José Carlos Sebe Bom, e HOLANDA, Fabíola. *História Oral: como fazer como pensar*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2010. 175p.

NINA RODRIGUES, Raymundo. (5 ed.) *Os africanos no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1977.

RAMOS, Artur. *O negro na civilização brasileira*. Gráfica carioca - São Paulo. 1956.

_____. *O folclore negro no Brasil*. Gráfica carioca 2 ed. São Paulo. 1954.

RISÉRIO, Antônio. *Carnaval ijexá; notas sobre afoxés e blocos do novo carnaval afrobaiano*. Salvador: Corrupio.

SANDRONI, Carlos. *O lugar do etnomusicólogo junto às comunidades pesquisadas: “Devolução de registros sonoros como imperativo científico”*. In, ENCONTRO NACIONAL DA ABET, 2., 2004, Salvador. Anais. Salvador: ABET/CNPQ/CONTEXTO, 2005. 150p.

SOARES, Edvaldo. *Metodologia Científica: Lógica, Epistemologia e Normas*. São Paulo: Atlas 2003.

TAVARES, Cláudio Tuiuti. *Afoché – ritmo bárbaro da Bahia*. Revista O cruzeiro 25/05/1948.

PINTO, Tiago de Oliveira. *Ruídos, timbres, escalas e ritmos: Sobre o estudo da música brasileira e do som tropical*. Revista USP coordenadoria de comunicação Social, Universidade de São Paulo –N. 1 (mar./mai. 1989). São Paulo USP, CCS 1989.

VIEIRA FILHO, Raphael Rodrigues. *A re-africanização do carnaval de Salvador, Ba: a re-criação do espaço carnavalesco (1876-1930)*.

São Paulo, 1995. Dissertação (Mestrado em historia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUCSP 228p.

_____. 1998. *“Folgedos negros no carnaval de Salvador (1880 - 1930)”*. Ritmos em trânsito, São Paulo, Editora Dymanis.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

CDs

VELOSO, Caetano – *Cinema transcendental*. Philips 1979.